

Le Breton, David. Entrevista de David Le Breton a Bárbara Duarte. *RBSE* 10 (28): 176-184. ISSN 1676-8965, abril de 2011. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

---

## Entrevista de David Le Breton a Bárbara Duarte



David Le Breton

### Introdução

Geralmente levado a escrever sobre assuntos que o incomodam como sujeito - que resultou em vários livros; adepto do silêncio, contudo que paradoxalmente declara passar horas nos cafés escrevendo grande parte de seus textos e ao mesmo tempo observando discretamente as pessoas, suas conversas e a forma de se comportarem; um pesquisador que aspira escutar o mundo e as pulsações da vida errante do

*RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* 10 (28); abril de 2011

indivíduo – sentimento esse que, de certa forma, almeja refletir em seus textos, escrevendo de modo a dar conta de forma mais sensível do mundo e o que nele há.

Graduado em psicologia e sociologia pela Universidade de Tours, reconhecida naqueles anos pelos professores de renome como Duvignaud, Lapassade e Chapuis. Apesar de não ter sido seu professor, quem marcou consideravelmente sua trajetória foi George Balandier, com quem compartilhava um íntimo desejo: o de compreender o mundo e a sociedade ocidental contemporânea. Com Balandier, pôde aprender a ampliar seu pensamento e a utilizar a antropologia como uma ferramenta para pensar o presente. Por algumas vezes diante de dilemas pessoais, foi encorajado à sua primeira experiência no Brasil, quando começava a escrever sua tese de doutorado. Possuindo um sentimento de inadequação no mundo viajou com vontade de desaparecer e lançar-se em regiões desconhecidas. Por meses, percorreu o Brasil de carona em caminhões, de barco e a pé. Revela que de todos os lugares ficou especialmente encantado com o Rio de Janeiro. Posteriormente retornou à França a fim de dar sequência em sua tese iniciando seus trabalhos sobre condutas de risco e corpo. Todavia o Brasil deixou marcas. Sua paixão pelo país o levou a aprender português, apreciar a música de Tom Jobim, Chico Buarque e é o ensejo para suas frequentes visitas.

Com certeza há muito mais a dizer sobre um dos mais importantes especialistas em antropologia do corpo e de condutas extremas na contemporaneidade, o autor de obras como *Corps et sociétés*, *Anthropologie du corps et modernité*, *Passions du risque*, *Des visages*, *La chair à vif*, *La sociologie du risque*, *Anthropologie de la douleur*, *Du silence*, *Éloge de la marche*, *Conduites à risques*, *La peau et la trace*, *Le théâtre du monde*, *Signes d'identité*, só para citar, que me concedeu, no dia dezessete de fevereiro de 2010, uma aprazível entrevista na Universidade Marc Bloch de Estrasburgo, na França. Assaz simpático e atencioso, Le Breton abordou oportunas questões sobre algumas relações do corpo na modernidade.

## A Entrevista

**Bárbara Duarte:** Qual sua impressão com a preocupação com o corpo no Brasil?

**David Le Breton:** A preocupação com o corpo é comum no mundo inteiro por causa da mundialização de um modelo de

beleza americano. Na minha percepção há uma americanização do mundo, e uma americanização de um modelo de mulher. É um modelo veiculado pelos seriados americanos que falam de uma mulher loira, magra, com um padrão de beleza e sedução. Há também o marketing que incita as mulheres a lutarem contra o envelhecimento do corpo e do rosto, até ao ponto em que as mulheres japonesas querem esticar seus olhos, clarear os cabelos. A particularidade do Brasil vem do litoral, de uma cultura da praia e também de clima quente quase todo o ano. Nesses locais também se compartilha do modelo da juventude. Eu acho que no Brasil o modelo é mais mestiço por causa das origens de formação do país: índios, negros e tudo isso. No Brasil é possível ver mulheres com a pele mestiça, além do que há também uma felicidade em relação ao seu corpo, e nunca vi isso em outros países. Com certeza há uma preocupação com a beleza da mulher, mas não esse orgulho de seu próprio corpo, de exibi-lo, como percebo no Brasil. Quando caminho no Rio, São Paulo, Fortaleza, eu sempre vejo esse orgulho, qualquer que seja a idade da mulher e mesmo dos homens que caminham com a metade do corpo nu. Há essa particularidade do litoral, do clima, e de uma cultura muito hedonista.

**BD:** O corpo é um capital que permite a ascensão social de muitas mulheres, sobretudo as das classes sociais mais baixas. Da sua experiência na América Latina você poderia dizer se há características específicas dessa forma de lidar com o corpo que se diferencia nos países europeus? E algumas especificidades do Brasil?

**David Le Breton:** O corpo é um capital, o único capital de muitas mulheres, e também daquelas que irão praticar a cirurgia estética, sobretudo nos seios. Até mesmo no resto do corpo. Aqui vejo bem profunda a influência da cultura americana. Conhecemos na literatura americana vários livros sobre a tirania desse modelo de mulher americana, e a obsessão das feministas contra isso, por exemplo. E esse modelo vem para o Brasil e embarca entre as mulheres da classe social pobre e também de classe média. E para as mulheres de classe pobre é a única possibilidade de ascender. Vemos isso igualmente em outros países. O corpo é um capital! Pode se observar isso também na Colômbia, no Chile, na Argentina. É um problema na América Latina. O corpo é a única chance de serem percebidas, e isso mostra a importância

das tatuagens, dos *piercings*, das pinturas corporais, da forma de expor o próprio corpo para a sedução. Há pouco tempo uma estudante colombiana fez um trabalho sobre a atração de um modelo estético de mulheres em seu país, o modelo dos seios, dos quadris, para que estas possam ser esposas ou mulheres dos traficantes de drogas.

**BD:** Qual o papel da mídia no processo de construção e percepção do corpo?

**David Le Breton:** As revistas femininas atuam como uma forma de difusão do marketing a propósito do corpo da mulher são revistas que aconselha sobre as cirurgias estéticas, sobre produtos, uma forma de reforçar essa atratividade. Elas ajudam a transmitir os modelos. Há várias revistas para adolescentes, mulheres jovens e com idade mais avançada e que colaboram na disseminação desse ideal. Tudo isso contribui para banalizar e a naturalizar esses modelos. Hoje a vergonha difusa de ser você mesmo é inteligentemente espalhada às mulheres por meio de um marketing cuja ênfase constante está nos defeitos da pele, do corpo, até mesmo aqueles que passariam despercebidos, e ao mesmo tempo oferece o produto adequado que propõe uma solução miraculosa. A preocupação com seu próprio corpo se maximizam através da égide da consumação gerando toda uma indústria de embelezamento de si mesmo. Em dez anos, a preocupação com o corpo levou à proliferação de produtos, técnicas, salões de beleza, sugestões de regimes alimentares, propostas de cirurgias estéticas, etc. As mulheres, especialmente, vivem em conflito com relação a essas técnicas de transformação que as incitam a modificar seus corpos de uma forma ou de outra. Elas permanecem fiéis ao imperativo da sedução de forma que colocam seu valor social no registro da aparência e em um padrão restritivo de sedução. Elas recorrem sem nenhum temor à cirurgia estética, e mais, elas compõem a esmagadora maioria da clientela dispostas a redesenhar a forma de seus rostos, seus seios, suas nádegas, se livrar da gordura “supérflua” que permanece e remanejar ou lutar contra os sinais de envelhecimento. No inverno, por exemplo, é comum encontrar títulos em revistas femininas do tipo: “as operações que você faz nesse inverno para estar magnífica na praia no verão”; e abaixo vai uma lista de intervenções que o jornalista escreveu como seguras e a pertinência deste ao dar os preços da prestação e a duração da cicatrização.

Os cosméticos estão afetando atualmente uma vasta clientela devido ao baixo custo de inúmeros produtos *bas de gamme*. Cada mulher encontra, de acordo com seu nível econômico, os produtos ou os usos para participar da estetização de si. Uma tirania da aparência pesa sobre elas e as priva de uma parte de sua liberdade ainda que do mesmo modo ela floresça nessa busca pela beleza. A maioria das mulheres se veem diante da insatisfação com seus corpos, com seu peso, com seu rosto, com sua idade. E a tirania da beleza não afrouxa nunca, nenhuma pausa pode ser cogitada pela mulher, sempre sendo convocada a pela manhã criar sua imagem para não ir contra a beleza ou as tentativas de apagar suas imperfeições. Uma metamorfose é possível a partir dessas práticas ou através do uso dos produtos corretos, a vontade de uma transformação feliz é o primeiro passo, se tornar por fim um Outro através da valorização do discurso atual.

**BD:** E sobre os grupos de resistência a esse modelo hegemônico de beleza?

**David Le Breton:** É verdade que existe um modelo hegemônico de beleza feminina - o modelo americano. Mas hoje também existem vários modelos de resistência a esses. Por exemplo, quando se fala das modelos mestiças, das mulheres de sessenta anos que reivindicam sua própria beleza. Também as mulheres com alguma deficiência física que são mulheres belíssimas, embora estejam multiladas. Há as mulheres gordas que também reivindicam seu espaço, o reconhecimento de sua beleza. Trata-se de outra forma de beleza. A sociedade então é confrontada com uma diversidade de modelos que não estão em concordância.

**BD:** Qual a principal questão da mulher em relação ao seu corpo que a diferencia do homem?

**David Le Breton:** O problema da mulher é quanto a ser definida pelo seu corpo, ela vale o que este vale. O que importa no estatuto do homem, por exemplo, não é sua beleza. Mas sim sua posição social, sua profissão. A mulher é definida pela qualidade da sua aparência. Uma mulher será sempre definida como boa ou não através de sua apresentação física. Ainda que ela tenha uma boa posição social, sucesso na carreira, dentre outras qualidades, se seu corpo estiver muito fora dos padrões, se ela estiver gorda, não será uma mulher para se envolver sexualmente. Há uma desigualdade importante entre homens e mulheres nesse ponto de vista. A

mulher é definida a partir do seu corpo e o homem a partir do que faz de sua vida. Assim, a mulher pode ser bem sucedida e ser rejeitada por ser feia. É essa diferença se dá por causa de uma construção cultural.

A liberação contemporânea das mulheres no plano social e político não modificaram a relação com a estética, o feminino continua amplamente definido por um imperativo de beleza, juventude, sedução, ainda que hoje um número de mulheres tenha um relacionamento lúdico diante dessas injunções. O corpo da mulher “perfeita” se exhibe em todo lugar: nas paredes das cidades, nas publicidades, nos comerciais, nas revistas. Impossível não vê-las e não se comparar e se arrepender por não se parecer mais com elas, estando em posição de desvantagem. Os corpos são praticamente sempre de mulheres, mesmo se às vezes um *outdoor* apresente homens em busca de novas opções no mercado, essas são imagens ainda hesitantes. E as mulheres ainda devem encarnar a beleza, porque o feminino não tem outra vocação do que incorporar o “sexo belo”. Mas cada poster, cada imagem, é a lembrança de uma falta para a mulher que nunca é totalmente bem sucedida ao corresponder a esse espelho que é oferecido a elas. Raros são os homens que se declaram insatisfeitos com seus corpos, pois este não é o centro de gravidade de seu auto-respeito, contrário às mulheres que são permanentemente reduzidas a ele, como indicação de seu valor. Para a mulher “ser” torna-se confuso com a demanda de “aparentar”, porque ela dificilmente escapa ao julgamento masculino, sim os apropria.

**BD:** Como você percebe a construção do corpo *alter ego* nos programas exibidos no mercado de entretenimento americano, os *Reality TV Shows* como *The Swan*, *Extreme Makeover*, *I want a famous face* e *Dr. 90210*?

**David Le Breton:** Como a difusão de um modelo de excelência para muitas mulheres, esse programas são uma maneira de transformar a cirurgia estética em uma simples técnica, não enquanto intervenções complexas e constrangedoras. Essas programações produzem em muitas mulheres o sofrimento de não terem um corpo tão magnífico e elas são, prontamente, uma publicidade com eficácia considerável de tal forma que elas se submetem em retorno. Uma multidão de programas televisivos faz a promoção da cirurgia estética e, então, contribuem com a depreciação do corpo da imensa maioria de mulheres que olham para eles,

convencidas de que não fizeram esforços suficientes para chegarem naqueles resultados, mas que podem chegar lá: Isso acontece em programas como *Extreme makeover*, *The Swan*, *Cosmetic Surgery before and after-party*. Em *Extreme Makeover* as mulheres ficam por seis semanas nas mãos de cirurgiões, educadores físicos, cabelereiros, maquiadores e uma equipe de *stylists*, a fim de produzirem uma metamorfose diante dos olhos de milhões de espectadores e de seus familiares que só descobrem o resultado no último dia. Alex Kuczynski comentou sobre uma tarde de entrega do Oscar em Los Angeles. Ela observou um grupo de mulheres que aparentavam espelhos umas das outras, quase idênticas, os lábios cheios, os dentes brancos, os olhos grandes e brilhantes, os narizes pequenos e estreitos, a mesma cor de roupas. Um homem se levanta e pega sua mulher pelo cotovelo lembrando a ela que é hora de partir. De repente ele nota que não se trata de sua mulher. Mas todas essas mulheres eram semelhantes, todas pareciam ter perdido sua singularidade.

**BD:** Você afirma que o corpo na contemporaneidade é um *gadget*, um corpo espetáculo que adere aos *designs* do momento. A adesão pode ser à uma moda passageira através de uma individualização personalizada ou através de modificações corporais inéditas, como as alterações corporais de Eric Sprague - o homem lagarto - e Kala Kawai que de autodenomina o capeta havaiano. Pode-se dizer que estes são exemplares do que você define como “extremo contemporâneo”?

**David Le Breton:** Esta fase do individualismo termina na individualização dos sentidos, e além, na individualização do corpo. É então importante ter um corpo de si e para si. O sonho é inventar sua peculiaridade pessoal. O corpo não determina mais a identidade, está à esse serviço. O corpo não está mais associado a um dado irrevogável. Ao mudar seu corpo o indivíduo deseja mudar sua existência, isto é, remodelar um sentimento de identidade que se tornou obsoleto. A flexibilidade se estende como um fundo da contemporaneidade, o que é dizer sobre o trabalho ou o sentimento de si. O corpo não é mais a encarnação irreduzível de alguém, sim uma construção pessoal, um objeto transitório, suscetível à muitas metamorfoses de acordo com as experiências do indivíduo. A aparência alimenta uma indústria ilimitada, sem fim, impulsionada pelo marketing e as ofertas

do mercado ou pela criatividade do sujeito. O individualismo democrático empurra ao topo a vontade da auto-filiação, auto-pertencimento, só que o fato de se pensar como mestre do próprio corpo colide com a irredutibilidade do corpo como a herança de uma história comprometida com outros, a começar com os pais. As tecnologias contemporâneas dão o sentimento de poder de ação simbólica sobre o próprio corpo e sua origem. Elas autorizam a revocação das antigas genealogias percebidas como facultativas. O indivíduo recusa ver seu corpo como uma raiz identitária ou um “destino”, ele pretende ter esse corpo em mãos e dar a ele uma forma que pertence unicamente a si.

**BD:** Quais são os principais trabalhos que você tem desenvolvido atualmente relacionado ao corpo?

**David Le Breton:** Acabei de publicar um segundo livro sobre antropologia da dor. O primeiro: *Anthropologie de la douleur*, Métailié de 1995, foi especialmente consagrado à construção social e cultural do sentimento da dor. O segundo *Expériences de la douleur: Entre destruction et renaissance*, Métailié de 2010, está mais interessado na intensidade do sofrimento de acordo com as experiências dolorosas. A dor implica um sentimento que nos destrói, mas se resta sobre controle do indivíduo, então parte do sofrimento é diminuído, e o indivíduo a transforma numa ferramenta para melhor se conhecer ou para viver os momentos intensos como nos esportes, o *body art*, as práticas de suspensão, etc. Além disso, estes últimos anos eu reescrevi, completamente, *Anthropologie du corps et mondernité*, da PUF, um dos meus livros mais traduzidos, e a editora Vozes está traduzindo essa última versão para o Brasil. Mas uma grande parte do meu trabalho se preocupa especialmente com as condutas de risco dos jovens, o sofrimento dos adolescentes. Sobre isso publiquei recentemente *En souffrance: Adolescence et entrée dans la vie*, que será traduzido nos próximos meses no Chile.

## Conclusão

David Le Breton acredita que aos cientistas sociais pesa o compromisso de analisar e compreender estes fenômenos relacionados ao corpo, sobretudo os novos movimentos que tem tomado forma ao nível individual e coletivo. É necessário interrogar a validade, as condições de funcionamento dessas novas possibilidades, muitas das quais inéditas no o ramo da



biomedicina e da tecnociência. A responsabilidade consiste em tentar compreender essas lógicas, colocando o conhecimento adquirido a favor de se criar o gosto pela vida, mostrando outros valores ao mundo desencantado. Os sociólogos e antropólogos devem auxiliar a encontrar um ângulo de aproximação, de crítica e de debate, devem ao mesmo tempo apontar para o prazer em se viver e não sustentar o culto da *performance*. É imperioso assinalar um caminho possível para que os valores se revertam, para se sair da crise de valores na qual a sociedade se encontra, para tal deve-se “reinventar o mundo”, nas palavras do autor.

#### **Bibliografia auxiliar**

LÉVY, Joseph J. *Entretiens avec David Le Breton*. Montréal-Paris: Téraèdre, jan. de 2010. 187 p. (Collection [Ré] Édition)

